

Paisagem, passado, projeto: o “olhar escrito” de Lamartine sobre o Levante

*Landscape, history, design:
Lamartine’s Olhar Escrito about the Levant*

Vera Chacham*

Submetido em 30 de março de 2011 e aprovado em 3 de maio de 2011.

Resumo:

Na narrativa da viagem que faz ao Levante no início da década de 1830, Alphonse de Lamartine alerta que não pode haver em suas notas senão um pouco de interesse para pintores. Este “olhar escrito” desenvolvido pelo escritor, por meio da descrição das paisagens naturais e humanas, propõe a existência de uma complementariedade entre ocidente e oriente capaz de possibilitar projeto de colonização.

Palavras-chave:

Lamartine. Volney. Orientalismo.

Abstract:

In the narrative of the journey that he makes to the Levant in the early 1830s, Alphonse de Lamartine warns that there can not be in his notes but a little of interest to painters. This “written look” developed by the writer, through the description of natural and human landscapes, proposes the existence of a complementarity between East and West that might allow for a colonization project.

Keywords:

Lamartine. Volney. Orientalism.

Em um livro publicado no início do século XX, Pierre Martino, professor de Letras no Liceu de Alger, procurava demonstrar que a importância adquirida por imagens exóticas do oriente muçulmano era relativamente recente. Segundo Martino, o que caracterizaria por

* Doutora em Literatura Comparada pela FALE/UFMG; Diretora de Proteção e Memória do IEPHA/MG de 2008 a 2010. Este artigo é resultante da pesquisa feita ao longo do estágio PRODOC/CAPES na FALE/UFMG. Contato: vchacham@hotmail.com.

exemplo a atitude medieval em relação ao oriente seria uma quase total “incuriosidade”, ao contrário da abordagem exótica, curiosa dos detalhes, das cores e diferenças. É que, segundo o autor, na mesma medida que teria sido o ódio ao muçulmano “o que deu ao Oriente medieval *sua forma e sua cor*”, um outro sentimento teria faltado completamente: “o da diversidade das coisas e das gentes, através do espaço como no tempo” Ora, conclui Martino,

O exotismo é feito sobretudo deste sentimento da diversidade; ele não pode aparecer senão quando o pensamento, enfim alargado, torna-se capaz de imaginar outros aspectos que não as paisagens familiares, e de imaginar sensações ou raciocínios feitos sobre um outro modelo que não o seus [...].¹

A abordagem positiva do olhar exótico, ou a percepção do exotismo como manifestação de um “alargamento da sensibilidade e um enriquecimento dos meios de expressão”, torna-se, contudo, extremamente frágil quando se começa a perceber “o que escapava aos críticos e leitores da Europa: o pano de fundo colonial, para não dizer colonialista, deste exotismo.”² A chave para a desconstrução do discurso exótico, como demonstrou Edward Said, encontra-se, em grande medida, no fato e na intenção colonial.

Neste artigo, pretende-se abordar o discurso exótico na narrativa de viagens do começo do século XIX como uma *forma* de expressão da cultura histórica do período, pois os valores – pictóricos, estéticos mas também éticos - atribuídos ao oriente muçulmano, são também aqueles que teriam sido perdidos pelo ocidente, segundo Lamartine. Nesse sentido, o olhar exótico e a busca do Oriente poderiam ser, como aponta François Pouillon com relação à pintura orientalista, não somente “a manifestação triunfante de uma perspectiva imperial, mas a de uma crise profunda da personalidade ocidental que encontra aí uma saída a sua fuga, um recurso onírico”.³

Em grande medida, a transição do século XVIII para o XIX é identificada com a “entrada da literatura” na narrativa de viagens. E, de fato, a narrativa de viagens torna-se, a partir de Chateaubriand, “mais literária”, subjetiva e exótica. No prefácio à narrativa da viagem que fez

¹ MARTINO, Pierre. *L'Orient dans la littérature française au XVIIe et au XVIIIe siècle*. Paris: Librairie Hachette, 1906, p. 14.

² POMEAU, René. Voyage et lumières dans la littérature française du XVIIIe siècle. In: *Studies on Voltaire*, LVII (1967), p. 1269-1289.

³ POUILLON, François. Fantaisie et investigations dans la peinture orientaliste du XIXème siècle. In: BURGAT, Marie-Claude (éd.). *D'un Orient l'autre*. V.I: Configurations. Paris: CNRS, 1991. p.265-277.

aos países do Levante entre julho de 1832 e outubro de 1833, Alphonse de Lamartine alerta seus possíveis leitores para a pouca importância daquelas notas, que, segundo diz, jamais havia pensado em publicar e nem mesmo em escrever: “Um livro, ou melhor, um poema sobre o oriente”, diz, Chateaubriand já havia feito com o seu *Itinerário de Paris a Jerusalém*. “Este grande escritor e poeta”, prossegue Lamartine, “foi a Jerusalém como peregrino e como cavaleiro, tendo em mãos a bíblia, o evangelho, e as cruzadas”, enquanto “Eu fui somente como poeta e como filósofo; de lá trouxe profundas impressões em meu coração, grandes e terríveis ensinamentos em meu espírito”.⁴ No dizer de Lamartine, suas notas de viagem não podem ser comparadas quer às de Chateaubriand, quer, por exemplo, às do historiador Joseph Michaud, pois estas últimas poderiam satisfazer completamente tudo o que a curiosidade histórica, “moral e pitoresca pode desejar sobre o Oriente”.⁵ Em sua narrativa, conclui, não haveria nem ciência, nem história, nem geografia, nem costumes: “Não pode haver nela senão um pouco de interesse para pintores: essas notas de viagem são quase exclusivamente pitorescas”; trata-se do “olhar escrito”⁶.

Lamartine escreve suas notas, segundo diz, indisciplinadamente, somente para si mesmo, e sem o compromisso de agradar o público:

O público, diz, estava bem longe do meu pensamento quando eu as redigia: e como eu escrevia? Algumas vezes ao meio-dia, durante o repouso do meio da manhã, à sombra de uma palmeira ou sob as ruínas de um monumento do deserto.

O escritor pondera, contudo, que, se tais impressões não compõem nem verdadeiro poema, e nem um saber positivo, possibilitam uma comparação entre costumes e crenças que podem vir a ser, para o viajante, os elementos de sua futura filosofia e poesia.

É interessante notar a explícita preocupação de Lamartine em “legitimar” suas notas: parecia difícil delimitar-lhes a função, a importância, em um contexto no qual as narrativas de viagem vinham sofrendo uma transformação, um processo de especialização. De um lado, era possível notar o surgimento, de um lado, de relatos prioritariamente naturalistas, e, de outro, de narrativas explicitamente literárias, ambos

⁴ LAMARTINE, A. *Souvenirs, impressions, pensées et paysages pendant un Voyage en Orient (1832-1833)*. Paris: Pagnerre, L.Hachette et Cie., Furne et Cie., 1856, v.1, p.5. Também disponível em: < <http://gallica.bnf.fr/Catalogue/noticesInd/FRBNF37274055.htm>>. Acesso em: 17.set.2006.

⁵ *Idem*.

⁶ “Il ne peut y avoir un peu d'intérêt que pour des peintres; ces notes sont presque exclusivement pittoresques; c'est le regard écrit” in LAMARTINE, A. *op.cit.*p. 7.

tomando espaço às chamadas viagens filosóficas, menos interessadas na descrição das paisagens e mais dedicadas a reflexões e críticas sobre as grandes questões políticas, como o despotismo. O artigo ‘Voyage’, da *Encyclopédie*, considera que o principal objetivo da viagem deve ser o de examinar os costumes e o gênio das outras nações, o seu gosto dominante, suas artes, ciências, sua indústria e seu comércio⁷. Segundo aponta Pomeau, a literatura filosófica das viagens é atenta ao homem, mas não à paisagem, negligenciando no homem tudo o que é pitoresco acessório, ignorando em suma o exotismo. Nesse sentido, a *Voyage en Egypte et en Syrie*, de Volney, poderia ser considerada a obra mais representativa da tendência científica e positiva na pesquisa geográfica de final do século XVIII.

Volney é conhecido, de um lado, como um *idéologue* engajado e autor de vários panfletos dirigidos ao “catecismo do cidadão” e, de outro, como orientalista cujo trabalho forneceu subsídios para a expedição de Napoleão no Egito. Nasceu em fevereiro de 1757, com o nome de Constantin-François Chassebeuf, e morreu em 1820. Foi autor de *Voyage en Syrie et en Egypte*, narrativa de viagem publicada em 1787, *Les Ruines ou Méditation sur les Révolutions des Empires*, de 1791, *Tableau du climat et du sol des Etats-Unis d’Amérique*, de 1803, e de uma série de reflexões e aulas tendo como tema a construção do conhecimento histórico. Para Volney, segundo Moravia, “a *cor local* não é senão um pitoresco superficial, que pode seduzir um artista, mas que não deve iludir ao *psicólogo social*”, pois a viagem deve ser a busca da verdade e não de exotismo. Com efeito, o gênero de descrição preconizado por Volney é muito preciso: “ele não faz concessão alguma às impressões subjetivas e procura reproduzir o mais exatamente possível os objetos enquanto fenômenos reais [...]”.⁸

Quando Volney parte para a sua viagem ao Egito e à Síria, no fim de 1782, é um jovem de 25 anos completamente formado dentro da tradição orientalista, mas também profundamente inspirado pelo pensamento iluminista. E, com efeito, a sua narrativa da viagem tem início questionando, enquanto instrumento eficiente para a viagem, a própria erudição da qual toma parte e se utiliza. No entender de Volney, o conhecimento das outras culturas por meio dos livros e das artes é nada menos que um *vão* no que concerne à viagem, perante o impacto do “espetáculo dos usos e costumes das nações”, porque o efeito das imagens

⁷ POMEAU, René. *op cit*, p. 1269-1289.

⁸ MORAVIA, Sergio. Philosophie et géographie à la fin du XVIIIe siècle. In: *Studies on Voltaire and the XVIIIth century*, LVII 1967, p. 937-1011. Ou, como afirma Domenech : “L’homme des Lumières qu’il est ne parcourt point un pays par recherche d’exotisme, mais il entend bien que de son voyage et de sa relation on tirera bon nombre d’enseignements précieux.” DOMENECH, Jacques. Volney voyageur moraliste. L’interaction entre discours des Lumières et Récit de voyage. In LINON-CHIPON, Sophie et alli (org). *Miroir de textes*. Récits de voyage et intertextualité. Nice: Publications de la Faculté de Lettres; Arts et Sciences Humaines, 1998; pp.243-253.

dos objetos estará sempre longe – aquém – do efeito dos próprios objetos sobre os sentidos. Segundo Volney, a pintura e a escritura conservam alguma coisa de *nebuloso*, pois não conseguem reproduzir “suficientemente bem” aquilo que foi experimentado pelos outros sentidos. De forma que as reproduções artísticas ou escritas trariam um conhecimento limitado quando o comparamos à experiência dos sentidos⁹.

Não se trata, contudo, de uma valorização qualquer dos sentidos, pois também estes, se mal utilizados ou mal “domados”, podem dar origem a equívocos, dos quais a própria tendência ao exotismo seria exemplo e sinal. É que o estranhamento, a apreensão fragmentada e a necessidade de recomposição da realidade são situações vividas pelo viajante europeu no oriente – na “Turquia”, isto é, todos os países sujeitos ao domínio otomano – de forma tão intensa que, segundo Volney, afetam sua capacidade de *conhecer* – atividade muitas vezes substituída pelos sentimentos de surpresa e de admiração¹⁰. Ora, esclarece Volney, não há como estabelecer uma relação de conhecimento com este mundo em pedaços¹¹. Assim, se em um primeiro momento há uma explosão dos sentidos – no tumulto que causam a variedade dos elementos, o choque e a desordem –, em um segundo momento os sentidos são direcionados pela razão e pela observação, que reestabelecem a ordem do conhecimento, dando sentido ao que antes eram fragmentos. A volta do controle da razão, do discernimento, permite, inclusive, a utilização de todo o instrumental erudito antes questionado pela crítica iluminista do autor. Aqui começa a busca da compreensão, da explicação ou do julgamento históricos para o que se vê: aquela civilização em decadência. Pode-se dizer mesmo que, pela *experiência* da viagem, a história começa a se tornar objeto da ciência, porque *torna-se presente* nos resultados, em vestígios concretos e visíveis.

Assim, se a descrição da paisagem por Volney não visa à “cor local”, não possuindo como meta as diferenças e singularidades da paisagem

⁹ “C'est en vain que l'on se prépare, par la lecture des livres, au spectacle des usages et des mœurs des nations ; il y aura toujours loin de l'effet des récits sur l'esprit à celui des objets sur les sens. Les images tracées par des sons n'ont point assez de correction dans le dessin, ni de vivacité dans le coloris ; leurs tableaux conservent quelque chose de nébuleux, qui ne laisse qu'une empreinte fugitive et prompte à s'effacer.” VOLNEY, C.F. *Oeuvres complètes de C. – F. Volney*. Tome II. Paris: Bossange Frères, Libraires, 1821; p.1.

¹⁰ “Tel est le cas d'un Européen qui arrive, transporté par mer, en Turquie. Vainement a-t-il lu les histoires et les relations ; vainement, sur leur descriptions, a-t-il essayé de se peindre l'aspect des terrains, l'ordre des villes, les vêtements, les manières des habitants ; il est neuf à tous ces objets, leur variété l'éblouit ; ce qu'il en avait pensé se dissout et s'échappe, et il reste livré aux sentiments de la surprise et de l'admiration.” VOLNEY, C.F. *op.cit* p.2.

¹¹ “Dans ce tumulte, tout entier à ses sens, son esprit est nul pour la réflexion ; ce n'est qu'après être arrivé au gîte si désiré quand on vient de la mer, que, devenu plus calme, *il considère avec réflexion* ces rues étroites et sans pavé, ces maisons basses et dont les jours rares sont masqués de treillages, ce peuple maigre et noirâtre, qui marche nu-pieds, et n'a pour tout vêtement qu'une chemise bleue, ceinte d'un cuir ou d'un mouchoir rouge.” [grifos nossos] VOLNEY, C.F. *op. cit*.p.3.

enquanto tais, a paisagem possui para Volney um sentido histórico: ela é testemunho histórico da decadência. E a história, por sua vez, tem um fim filosófico, moral, político. É que, passados o impacto colorido das primeiras imagens do oriente e a instabilidade dessas imagens, o viajante compõe, segundo Volney, novos “quadros” bem mais desiludidos, crus ou realistas, se assim quisermos chamá-los, e que são, sobretudo, imagens carregadas de reflexões históricas: “Já o ar geral de miséria que ele vê nos homens, e o mistério que envolve as casas...”, nos diz Volney sobre *o viajante*, no caso ele mesmo –, “fazem com que ele suspeite a avidez da tirania e a afronta da escravidão”.¹²

A “suspeita” de uma história por “detrás” do quadro de miséria e mistério é logo confirmada pela generalização da paisagem arruinada, o espetáculo das ruínas que, diferentemente da Europa, não ocupariam certos enclaves distantes, onde tornam-se objetos de curiosidade, mas estariam incrustrados na cidade viva, seriam parte da paisagem e parte da miséria. As ruínas não estão presentes somente nas periferias, e nem são necessariamente antigas. Tratar-se-ia de toda uma *civilização* em ruínas e de ruínas, mesmo que recentes¹³. As imagens de estagnação estão presentes em Alexandria como no Cairo, e sempre se ligam à história, ou à sua paralisação¹⁴. Também a “paisagem humana”, devido à miséria e aos costumes arcaicos, é indício da estagnação e decadência daquela civilização. Com efeito, o empreendimento histórico de Volney é de *cinho iluminista*: seu objetivo, ao estudar os costumes e a “paisagem”, é avaliar o grau de civilização daquela sociedade, as condições para a felicidade que o governo oferece aos seus homens¹⁵.

No livro *Les Ruines ou Méditation sur les Révolutions des Empires*, de 1791, considerada por grande parte da bibliografia crítica como o

¹² “Déjà l’air général de misère qu’il voit sur les hommes, et le mystère qui enveloppe les maisons lui font soupçonner la rapacité de la tyrannie, et la défiance de l’esclavage VOLNEY, C.F. *op.cit.* p. 5.

¹³ “Pourquoi, dira-t-on en Europe, ne réparent-ils pas le port neuf ? C’est qu’en Turquie, l’on détruit sans jamais réparer. On détruira aussi le port vieux, où l’on jette depuis deux cents ans le lest des bâtiments. L’esprit turk est de ruiner les travaux du passé et l’espoir de l’avenir ; parce que dans la barbarie d’un despotisme ignorant, il n’y a point de lendemain ». VOLNEY, C.F. *Op.cit.* p.7.

¹⁴ “Dans l’intérieur, les rues sont étroites et tortueuses ; et comme elles ne sont point pavées, la foule des hommes, des chameaux, des ânes et les chiens qui s’y pressent, élève une poussière incommode ; souvent les particuliers arrosent devant leurs portes, et à la poussière succèdent la boue et des vapeurs mal odorantes.” VOLNEY, C.F. *op.cit.*

¹⁵ “*Portant toute mon attention sur ce qui concerne le bonheur des hommes dans l’état social, j’entrois dans les villes, et j’étudiois les mœurs de leurs habitants ; je pénétois dans les palais, et j’observois la conduite de ceux qui gouvernent ; je m’écartois dans les campagnes, et j’examinois la condition des hommes qui cultivent ; et par-tout ne voyant que brigandage et dévastation, que tyrannie et que misère, mon cœur étoit oppressé de tristesse et d’indignation*” [grifos nossos]. VOLNEY, C.F. *op.cit.*p.171.

último capítulo da *Viagem* de Volney, fica mais nítido o sentido histórico dado à descrição daquela civilização em ruínas. Ao associar a ideia de decadência – ruínas físicas, ruína social, política e econômica – à *tiranía, ao poder despótico* e à *mistificação religiosa* –, Volney estaria desenvolvendo concretamente, na *Viagem* e nas *Ruínas*, uma “filosofia racionalista da história”.¹⁶

É preciso dizer, no entanto, que, apesar de Volney buscar no despotismo turco ou oriental e no fanatismo religioso as causas da miséria e da decadência orientais, ele acaba por generalizar esta conclusão, direcionando o que para ele é a causa da decadência otomana como causa potencial de toda decadência: ele fala sobre, e para a Europa *através* do Oriente; fala, em suma, dos riscos que o Ocidente vive ao se manter ou se tornar semelhante ao oriente, se preservar a religião como fonte de poder. A religião é, em Volney a um só tempo, no oriente e no ocidente, a fonte da hipocrisia e a fonte de fanatismo. Claramente político, propagando uma filosofia iluminista da história, a narrativa de Volney não possui espaço para ambiguidade.

Abertas a tudo aquilo que para Volney era considerado um prejuízo para o olhar do viajante, as narrativas de viagem no século XIX vivem um momento de independência em relação ao *discurso universalista e racionalista das Luzes*, uma espécie de liberação do discurso filosófico. Contudo, se a narrativa se pretende menos política e ideológica, ao dar espaço às impressões, e à pintura, ela leva sua reflexão e julgamento históricos para dentro das descrições que, de forma semelhante ao que ocorre com o discurso histórico, afastam-se de uma explícita filosofia da história como estaria presente, por exemplo, em Volney. As imagens, de alguma forma, falam por si mesmas...

A produção dessas imagens, por outro lado, alimenta-se de imagens prévias, e o olhar de viajantes como Lamartine é conduzido por referências pictóricas, isto é, as paisagens humanas são descritas como se fossem pinturas, cedendo todo espaço possível aos aspectos e contrastes exóticos, “coloridos”, à imaginação e à memória. Lamartine dá início à sua narrativa fazendo referências às imagens – gravuras bíblicas – do Oriente de sua infância. Segundo conta, ele havia recebido de sua mãe no leito de morte

Uma bela bíblia de Royaumont, com a qual ela me ensinava a ler, quando eu era criança pequena. Esta bíblia possuía gravuras sobre temas sagrados em todas as suas páginas. Era Sara, era Tobias e seu anjo, era José ou

¹⁶ MORTIER, Roland. *La poétique des ruines en France. Ses origines, ses variations de la Renaissance à Victor Hugo*. Genève: Librairie Droz, 1974; p.136.

Samuel, eram sobretudo estas belas cenas patriarcais onde a natureza solene e primitiva do oriente misturava-se a todos os atos desta vida simples e maravilhosa dos primeiros homens. Depois que eu tivesse recitado bem minha lição e lido quase sem erros [...], minha mãe descobria [...] a gravura e, tendo o livro aberto sobre seus joelhos, me fazia contemplá-la.¹⁷

Em parte, sua narrativa parece consistir em recompor tais gravuras. Mas a valorização das paisagens, a atenção que Lamartine dá à descrição da paisagem não somente natural, mas também humana e cultural, denota um “salto qualitativo”, que o distancia de escritores viajantes do fim do século XVIII como Volney, por exemplo¹⁸. Nas descrições de Lamartine, os homens são constantemente incorporados pictoricamente ao restante da paisagem. Como ocorre ao falar sobre os drusos:

“Os habitantes, cobertos de seu belo manto escarlate [...] subiam nos terraços para nos ver passar, e acrescentavam, eles mesmos, pelo brilho de seus costumes e pela majestade de suas atitudes, ao efeito grandioso, estranho, pitoresco da paisagem.”¹⁹

Contudo, este tipo de pintura implica e consiste, frequentemente, em uma comparação, direta ou indireta, com a civilização europeia, que, por vezes, desemboca em reflexões sobre a forma como devem ser as relações entre a Europa e o oriente muçulmano. Nesse sentido, as cenas de Lamartine já sugerem, em sua mescla de retórica e imagens, um fascínio novo do ocidental pelo passado, pela diferença cultural, ainda que seja uma admiração entremeada de ambigüidades, contradições e interesses.

A novidade da abordagem comparativa de Lamartine torna-se nítida quando contraposta à narrativa de Chateaubriand, escritor que, apesar da notória busca de cor local, não parece possuir, em relação ao Oriente, qualquer embaraço no que diz respeito ao julgamento de

¹⁷ “Ma mère avait reçu de sa mère au lit de mort une belle bible de Royaumeont dans laquelle ellem’ apprenait à lire, quand j’ étais petit enfant.Cette bible avait des gravures de sujets sacrés à toutes les pages. C’ était Sara, c’ était Tobie et son ange, c’ était Joseph ou Samuel, c’ était surtout ces belles scènes patriarcales où la nature solennelle et primitive de l’ orient était mêlée à tous les actes de cette vie simple et merveilleuse des premiers hommes. Quand j’ avais bien récité ma leçon et lu à peu près sans faute la demi-page de l’ histoire sainte, ma mère découvrait la gravure, et, tenant le livre ouvert sur ses genoux, me la faisait contempler” (Marselha, 20 de maio de 1832). LAMARTINE, A. *op. cit.*

¹⁸ BRAHIMI, Denise. Voyage et paysage (Le Liban de Lamartine et le Sahel de Fromentin). In: TVERDOTA, Gyögy (Textes réunis par). *Écrire le voyage*. Presses de la Sorbonne Nouvelle, 1994.

¹⁹ LAMARTINE, A. *Op.cit.*, p. 288: Les habitants, couverts de leur beau manteau écarlate, et le front ceint de leur urban à larges plis rouges, montaient sur leurs terrasses pour nous voir passer, et ajoutaient eux-mêmes, par l’ éclat de leurs costumes et par la majesté de leurs attitudes, à l’ effet randiose,étrange, pittoresque, du paysage.

outras culturas²⁰. Tendo partido para sua viagem a Jerusalém em 1806, Chateaubriand segue para “Constantinopla” onde, segundo ele,

Caminha-se sem cessar de um bazar a um cemitério, como se os Turcos não estivessem ali senão para comprar, vender e morrer [...]. Descobrimos aqui e ali alguns monumentos antigos que não possuem relação nem com os homens modernos, nem com os monumentos novos dos quais eles estão cercados: diria-se que eles foram transportados para essa cidade oriental por efeito de um talismã. Nenhum sinal de alegria, nenhuma aparência de felicidade mostra-se aos nossos olhos: o que se vê não é um povo, mas um rebanho que um imam conduz e que um “janissário” degola. Onde não há outro prazer que não os da perversão e nem outra pena que não a de morte. [tradução nossa].²¹

É verdade que Chateaubriand, pouco antes deste trecho retirado do seu *Itinerário*, refere-se à baía de Constantinopla como um dos lugares mais belos do mundo, um certo lugar comum na literatura de viagens. Contudo, a cidade nunca é descrita nestes termos pelo escritor, que a vê como pobre e monótona; uma cidade roubada ao Ocidente. A cidade é palco de todos os *topoi* do despotismo oriental – a população é vista como um rebanho (que um “imam” conduz e que um “janissário” degola), onde não há outro prazer que não os da perversão e nem outra pena que não a de morte. E, sobretudo, os monumentos contidos na cidade provocam um distanciamento entre o lugar (a história, a paisagem e os monumentos) e os homens que a ocupam, o povo presente, os homens modernos, os turcos otomanos, os muçulmanos. Mesmo que ao longo do seu *Itinerário* apareçam outras imagens dos muçulmanos, é notável a presença dos *topoi* mais recorrentes do muçulmano e do turco. Aqui teríamos um caso típico para uma análise pautada na noção de orientalismo de Edward Said: o iman, o rebanho, o janissário, existem antes, *a priori*, de qualquer experiência (e a “informam”). Desta forma, a experiência

²⁰ “Lorsqu'en 1806, j'entrepris le voyage d'outre-mer, Jérusalem était presque oubliée; un siècle antireligieux avait perdu mémoire du berceau de la religion: comme il n'y avait plus de chevaliers, il semblait qu'il n'y eût plus de Palestine.” In: CHATEAUBRIAND, Itinéraire de Paris à Jérusalem et de Jérusalem à Paris. In: *Oeuvres romanesques et voyages*. Texte établi, présenté et annoté par Maurice Regard. Paris: Gallimard, 1969. p.695.

²¹ “Vous arrivez sans cesse d'un bazar à un cimetière, comme si les Turcs n'étaient là que pour acheter, vendre et mourir [...] On découvre çà et là quelques monuments antiques qui n'ont de rapport, ni avec les hommes modernes, ni avec les monuments nouveaux dont il sont environnés: on dirait qu'il ont été transportés dans cette ville orientale par l'effet d'un talisman. Aucun signe de joie, aucune apparence de bonheur ne se montre à vos yeux: ce qu'on voit n'est pas un peuple, mais un troupeau qu'un imam conduit et qu'un janissaire égorge. Il n'y a d'autre plaisir que la débauche, d'autre peine que la mort [...] CHATEAUBRIAND. *op.cit.*, p.942.

concreta de Chateaubriand aparece como que sufocada, no texto, pelos seus *sentimentos* e pelas imagens prévias que os acompanham²².

O ódio ao otomano e a identificação do poder muçulmano com o “despotismo oriental”, presentes no texto de Chateaubriand, fazem parte de uma (relativamente) longa tradição de imagens que remetem a um confronto entre o ocidente e o oriente, este último encarnando, “desde” Aristóteles, o país no qual, por natureza, os homens são escravos. Esta última perspectiva, retomada e reformulada, sobretudo a partir do século XVII, consolidou-se, em termos teóricos, no século XVIII, na argumentação que Montesquieu desenvolve no *Espírito das Leis*:

A religião cristã está distante do puro despotismo: é que a doçura estando tão recomendada no Evangelho, ela se opõe à cólera despótica com a qual o príncipe se faria justiça, e exerceria suas crueldades [...] Enquanto que os príncipes maometanos distribuem sem cessar a morte ou a recebem, a religião, entre os cristãos, torna os príncipes menos tímidos, e conseqüentemente menos cruéis. O príncipe conta com seus súditos, e seus súditos com os príncipes.²³

Entretanto, a referência ao oriente muçulmano constrói-se, no século XVIII, por meio também de outros *topoi* que não o do despotismo oriental. Voltaire é um dos pensadores que faz uma crítica (também não tão recente) ao *topos* do despotismo oriental. Ele a faz ao se dedicar a uma série de desmitificações de *antigas* ideias sobre o Oriente muçulmano, ora por meio do elogio político da poligamia, ora procurando demonstrar que a crença na predestinação era mais comum do que se pensava e, sobretudo, no que diz respeito à religião, procurando mostrar que, na “prática” (isto é: na história, nos costumes, não nas leis), a tolerância era muito mais presente entre muçulmanos do que entre cristãos:

Limitemo-nos sempre a esta verdade histórica: o legislador dos muçulmanos, homem poderoso e terrível, estabeleceu seus dogmas pela sua coragem e pelas suas armas; contudo sua religião tornou-se indulgente e tolerante. O *instituteur* divino do cristianismo, vivendo na humildade e na paz, pregou o

²² Pois, embora, por exemplo, ele reconheça a hospitalidade e outras qualidades desses mesmos turcos, nada muda o seu sentimento de “des”-possessão: “J’avoue que si j’étais fâché de quitter *des hôtes d’une bienveillance et d’une politesse aussi rares*, j’étais cependant bien aisé de sortir de Constantinople. Les sentiments qu’on éprouve malgré soi dans cette ville gâtent sa beauté: *quand on songe que ces campagnes n’ont été habitées autrefois que par des Grecs* du Bas-Empire, et qu’elles sont occupées aujourd’hui par des Turcs, *on est choqué du contraste entre les peuples et les lieux*; il semble que des esclaves aussi vils et des tyrans aussi cruels n’auraient jamais dû déshonorer un séjour aussi magnifique » [grifos nossos]. CHATEAUBRIAND. *op.cit.*, p.944.

²³ MONTESQUIEU. *De l’Esprit des lois* II. Chapitre III (Que le gouvernement modéré convient mieux à la religion chrétienne et le gouvernement despotique à la mahométane). Paris: Garnier Frères, 1973, p.133.

perdão dos ultrajes; e sua santa e doce religião tornou-se, por nossa cólera, a mais intolerante de todas, e a mais bárbara.²⁴

Poderíamos dizer que Lamartine, quase oitenta anos depois de Voltaire, também busca, ao descrever os povos muçulmanos, a afirmação de uma contra-imagem do despotismo, que por vezes inclui a imagem da tolerância, por vezes a da simplicidade, a da hospitalidade, a da beleza.

É verdade que muitas das imagens negativas dos costumes, da cultura e da religião islâmicos já haviam sido aplacadas por meio das imagens de poetas do início do século XIX. Contudo, em Lamartine as imagens estão fundadas, em parte, em uma descrição concreta. Sobretudo, e desta vez em relação a Voltaire, o escritor inova discursivamente ao fazer da sua própria descrição, da busca do pitoresco oriental, uma forma de romper com o imaginário do despotismo, pois a beleza ou outros aspectos visuais que compõem o homem e a paisagem sempre exprimem em Lamartine valores morais. Do caminho de Balbek a Damas, em pleno deserto de Zebdani, por exemplo, Lamartine descreve a seguinte cena:

Eu me apresento com meu tradutor, e peço um lugar para passar a noite. Os escravos vão advertir o *cheik*; ele vem pessoalmente: era um ancião venerável, com barba branca, fisionomia aberta e graciosa. Ele me oferece sua casa toda, com uma presteza e uma graça de hospitalidade como eu nunca havia encontrado antes.²⁵

Não somente a hospitalidade, mas também a religiosidade do povo muçulmano impressionam Lamartine, que diz que o culto muçulmano é repleto de virtudes e que ele ama este povo, que “é um povo de prece”.²⁶ Estas impressões, contudo, aparecem na narrativa de Lamartine como qualidades não somente belas mas também *primitivas*. Com efeito, a aproximação entre ocidente cristão e oriente muçulmano é desejável,

²⁴ “Bornons-nous toujours à cette vérité historique: le législateur des musulmans, homme puissant et terrible, établit ses dogmes par son courage et par ses armes; cependant sa religion devint indulgente et tolérante. L’instituteur divin du christianisme, vivant dans l’humilité et dans la paix, prêcha le pardon des outrages; et sa sainte et douce religion est devenue, par nos fureurs, la plus intolérante de toutes, et la plus barbare”. VOLTAIRE. *Essai sur les mœurs* et l’esprit des nations et sur les principaux faits de l’histoire depuis Charlemagne jusqu’à Louis XIII. Paris: Garnier Frères, 1963. (I, p.275).

²⁵ LAMARTINE, A. Op.cit.p.47: “Je me présent avec mon drogman, et je demande une maison pour passer la nuit. Les esclaves vont avertir le cheik; il accourt lui-même: c’était un vieillard vénérable, à barbe blanche, à physionomie ouverte et gracieuse. Il m’offre sa maison tout entière, avec un empressement et une grâce d’hospitalité que je n’avais pas encore rencontrés ailleurs”.

²⁶ MOUSSA, Sarga. *La Relation orientale*. Enquête sur la communication dans les récits de voyage en Orient (1811-1861). Paris: Klincksieck, 1995, p.96, *apud*. As comparações, consideradas escandalosas, entre a profundidade da prática religiosa no Oriente e as convicções do cristianismo europeu valheram-lhe a inclusão do seu livro no Index.

sugere Lamartine, porque complementar, pois este oriente, o do Levante, representa a permanência de tudo aquilo já perdido para o ocidente. É o que parece conduzir a descrição de uma cena que ele presencia a caminho de Constantinopla, quando, de um caiaque, ele observa

Uma corrente, de uma légua, de mulheres, de mocinhas e crianças, sentadas em silêncio, em grupos, sobre as bordas do cais de granito ou sobre os parapeitos dos terraços dos jardins: elas passam ali horas deliciosas contemplando o mar, as florestas, a lua, respirando a calma da noite...

Desta cena, Lamartine conclui que “Nosso povo não sente mais nada dessas voluptuosidades naturais: ele *gastou* suas sensações; ele tem necessidade de prazeres fictícios, e não possui senão vícios para movê-lo.”²⁷ Esta contraposição entre ocidente europeu e prazeres e sensações naturais, que nas referências à América existia desde o século XVI, parece surgir para o velho oriente somente na passagem do século XVIII para o XIX. Contudo trata-se de um primitivismo diverso, fundado em bases religiosas. Trata-se, acreditamos, de uma perspectiva relacionada com a transformação na cultura histórica do final do século XVIII.

Desde Herder, que escreve no último terço do século XVIII, desenvolvia-se uma associação positiva do oriente com uma humanidade primitiva: exatamente por ser infância, o Oriente detinha, para este autor, qualidades superiores, desprezadas e incompreendidas por épocas racionais: “o respeito diante de tudo aquilo que é potência, autoridade, sabedoria, força, traço de Deus”. O Oriente representa em Herder a antítese do mundo europeu, “filosófico” e “frio”.²⁸ A religiosidade aparece, assim, como uma característica oriental e primitiva, mas não inferior. Grande parte da argumentação de Herder em defesa do Oriente volta-se contra a ideia de despotismo oriental, não negando, em parte, sua existência, ou compensando-a com outras qualidades (como faria Voltaire), mas demonstrando sua *razão de ser* histórica:

O que tu denominas Despotismo, em seu germe mais tenro, e que não era, falando propriamente, que autoridade paterna destinada a reger a morada – veja todas as coisas que ele realizou, às quais com toda a fria filosofia de teu século, seria necessário que sem duvida agora renunciéis! [...] Como aquilo era necessário! E bom! E útil ao conjunto do gênero humano! [tradução nossa]²⁹

²⁷ LAMARTINE, A. *op. cit.*, p.410. Reencontraremos esta reflexão, a partir de cenas semelhantes, muitas décadas depois, em narrativas de viagem como a que o escritor Eça de Queiroz faz ao Egito.

²⁸ “Le respect devant tout ce qui est puissance, autorité, sagesse, force, trace de Dieu”. HERDER, J.G. *Une autre philosophie de l'histoire*. Pour contribuer a l'éducation de l'humanité. Contribution a beaucoup de contributions du siècle (1774). Traduction avec notes et introduction par Max Rouché. [s.l.]: Aubier, 1992; p.127-129.

²⁹ HERDER, J.G. *op. cit.*, p.127.

É também no sentido de uma valorização da religiosidade “primitiva”, original, dos povos do oriente que se pode compreender porque, para Lamartine,

O maometismo pode entrar, sem esforço e sem sacrifício, em um sistema de liberdade religiosa e civil, e formar um dos elementos de uma grande aglomeração social na Ásia; ele é moral, paciente, resignado, caridoso e tolerante em sua natureza. Todas essas qualidades o tornam apropriado a uma fusão necessária dentro da região que ele ocupa, e onde se deve torná-lo esclarecido e não exterminá-lo. [tradução nossa]³⁰

Além da aproximação das religiões visando a uma futura colonização, parece ocorrer, em Lamartine, uma admiração sincera pela religiosidade “pura” presente no Islã, que ele acredita estar desaparecendo na França, a ao longo de um processo de laicização que se acelera desde a Revolução. Essa identidade que o europeu vê entre o mundo oriental e a religiosidade não é nova: vimos que Herder localiza a religião, não apenas espacialmente, mas historicamente, no Oriente, estabelecendo o mesmo tipo de contraponto entre Oriente e Ocidente e apontando uma certa *perda* para este último. Contudo, Lamartine iria além, ao considerar o Islam como um modelo de devoção ao qual seria possível se identificar.

A idealização operada por Lamartine, não implica, contudo, uma valorização do cotidiano oriental; a vida normal e banal é, ao contrário, pouco sedutora. Assim como o autor “orientaliza” certos aspectos da paisagem oriental em um sentido positivo³¹ –, outros aspectos da realidade oriental são “orientalizados” de forma negativa, isto é, já estão previamente explicados quer seja pela “preguiça” oriental, quer seja pelo “atraso” ou “decadência” oriental, como ocorre na seguinte descrição:

Nosso apartamento ficava em um bonito pátio decorado de pilastras arabizadas com uma fonte jorrando ao centro, escorada em uma larga bacia de mármore; em torno deste pátio, três quartos e um divã, ou seja, um apartamento maior que os outros, formado por uma arcada que se abre sobre o pátio interior, e que não possui nem porta, nem cortina que o encerre: é uma transição entre a casa e a rua que serve de jardim aos preguiçosos

³⁰ “Le mahométisme peut entrer, sans effort et sans peine, dans un système de liberté religieuse et civile, et former un des éléments d’une grande agglomération sociale en Asie; il est moral, patient, résigné, charitable et tolérant de sa nature. Toutes ces qualités le rendent propre à une fusion nécessaire dans le pays qu’il occupe, et où il faut l’éclairer et non l’exterminer [...]” In: LAMARTINE, A. *op.cit.*, v.2, p.16.

³¹ “[...] de modo que “as cenas descritas por ele são sempre suntuosas e brilhantes, assim como seus personagens são sempre belos e nobres” NOUTY, Hassan el. *Le Proche-Orient dans la littérature française: de Nerval à Barrès*. Paris: Nizet, 1958, p.12. Assim, conclui Nouty, “dans les pages qu’il en a rapportées, nonobstant une expérience personnelle directe, Lamartine a orientalisé autant que Victor Hugo qui n’avait pas bougé de chez lui!” (*idem*. p.12).

Muçulmanos, e da qual a sombra imóvel substitui para eles aquela das árvores, que eles não possuem nem a indústria de plantar, nem a força de ir procurar onde a natureza as fez crescer para eles. Nossos quartos, ainda que dentro deste magnífico palácio, teriam parecido muito degradados ao mais pobre camponês das nossas choupanas; as janelas não tinham vidros, luxo desconhecido no Oriente, apesar dos rigores do inverno nessas montanhas; nem leitos, nem móveis, nem cadeiras; nada senão paredes nuas, decrépitas, furadas por buracos de ratos e lagartos; e para preenchê-los, terra batida de forma desigual, misturada com palha picada. [tradução nossa]³²

Muitos dos aspectos da pobreza oriental são percebidos como faltas culturais, carências que somente o Ocidente pode sanar:

A população turca é sã, boa e moral; sua religião não é nem tão supersticiosa nem tão exclusiva como se pinta; mas sua resignação passiva, mas o abuso de sua fé em um reino sensível da Providência mata as faculdades do homem ao remeter tudo a Deus: [...] o maometismo [...] se constituiu espectador inativo da ação divina! Ele cruza os braços do homem, e o homem arruína-se voluntariamente nesta inação. [tradução nossa]³³

Para Lamartine não há, no Oriente, devido à religião muçulmana ou sua interferência excessiva, uma verdadeira história, que implica ação, vontade, liberdade. Assim, sua proposta de *fusão cultural* estabelece papéis bem distintos para o Oriente e o Ocidente: “On peut dans la civilisation européenne, *tout humaine, toute politique, tout ambitieuse*, lui laisser aisément sa place à la mosquée et sa place à l’ombre au soleil!” (v.2, p.15).

Em que pese o tom irônico também em relação aos valores ocidentais, Lamartine não era ambíguo na sua proposta para a *questão*

³² “Notre appartement consistait en une jolie cour décorée de pilastres arabesques avec une fontaine jaillissante au milieu, coulant dans un large bassin de marbre; autour de cette cour, trois pièces et un divan, c’est à dire un appartement plus large que les autres, formé par une arcade qui s’ouvre sur la cour intérieure, et qui n’a ni porte, ni rideau qui la renferment: c’est une transition entre la maison et la rue qui sert de jardin aux paresseux Musulmans, et dont l’ombre immobile remplace pour eux celle des arbres, qu’ils n’ont ni l’industrie de planter, ni la force d’aller chercher où la nature les a fait croître pour eux. Nos chambres, quoique dans ce magnifique palais, auraient paru trop délabrées au plus pauvre paysan de nos chaumières; les fenêtres n’avaient point de vitres, luxe inconnu dans l’Orient, malgré les rigueurs de l’hiver dans ces montagnes; ni lits, ni meubles, ni chaises; rien que les murailles nus, décrépites, percées de trous de rats et de lézards; et pour plancher, de la terre battue inégale, mêlée de paille hachée.” LAMARTINE, A. *Voyage en Orient*. Édition critique avec Documents inédits. Paris: Librairie Nizet, 1960. p.318. Trata-se da única citação relativa a esta edição.

³³ La population turque est saine, bonne et morale; sa religion n’est ni aussi supersticieuse ni aussi exclusive qu’on nous la peint; *mais sa résignation passive, mais l’abus de sa foi dans le règne sensible de la Providence, tue les facultés de l’homme en remettant tout à Dieu*: [...] le mahométisme a pris le rôle divin; il s’est constitué spectateur inactif de l’action divine! il croise les bras à l’homme, et l’homme périt volontairement dans cette inaction. LAMARTINE. *op. cit.*, p.15.

do oriente³⁴. Ele professa claramente uma política intervencionista da França no Oriente, visando ao desmantelamento do Império Otomano e sua divisão pelas grandes potências. Esse explícito apelo à colonização aparece no *Résumé politique du Voyage en Orient*, publicado juntamente com a *Voyage en Orient*:

É tempo, no meu entender, de lançar uma colônia européia neste coração da Ásia, de levar a civilização moderna aos lugares de onde a civilização antiga saiu, e de formar um império imenso desses grandes farrapos do império turco, que desmorona sob seu próprio peso, e que não possui nenhum herdeiro senão o deserto e a poeira das ruínas sobre as quais ele está afundado. Nada é mais fácil do que construir um monumento novo sobre esses terrenos desimpedidos, e de reabrir a fecundas raças humanas essas fontes inesgotáveis de população que o maometismo esgotou pela sua execrável administração: quando eu digo execrável, eu não pretendo culpar o caráter do maometismo de uma ferocidade brutal que não está na sua natureza, mas de uma despreocupação culpável, de um fatalismo irremediável que, sem nada destruir, deixa tudo apodrecer ao seu redor. [tradução nossa]³⁵

Se a “Ásia”, sem essa intervenção – divisão em protetorados –, continuará, para o autor, *morta* historicamente, também a Europa possui interesse nessa expansão, devido às transformações políticas e econômicas em curso desde o fim do século XVIII³⁶. Muito embora Lamartine diga ser necessário respeitar a religião e os costumes do povo muçulmano, a solução da *questão do Oriente* não pode vir senão do seu controle pela Europa, onde domina, no seu entender, o governo dos homens pela razão.

³⁴ A expressão, usada pela diplomacia do século XIX, dizia respeito, sobretudo, à possibilidade – e suas implicações para os interesses de cada uma das potências europeias – da dissolução do Império Otomano, cuja estagnação e declínio ao longo do século XVII desembocam em uma série de perdas territoriais e crescentes fraqueza e endividamento.

³⁵ “Il est temps, selon moi, de lancer une colonie européenne dans ce coeur de l’Asie, de reporter la civilisation moderne aux lieux d’où la civilisation antique est sortie, et de former un empire immense de ces grans lambeaux de l’empire turc, qui s’écroule sous sa propre masse, et qui n’a d’héritier que le désert et la poudre des ruines sur lesquelles il s’est abimé. Rien n’est plus facile que d’élever un monument nouveau sur ces terrains déblayés, et de rouvrir à de fécondes races humaines ces sources intarissables de population que le mahométisme a taries par son exécration administration: quand je dis exécration, je n’entends pas inculper le caractère du mahométisme d’une férocité brutale qui n’est pas dans sa nature, mais d’une insouciance coupable, d’un fatalisme irrémédiable qui, sans rien détruire, laisse tout périr autour de lui”. LAMARTINE, A. *op. cit.* p15.

³⁶ “C’est la seule page de ces notes d’un voyageur que voudrais jeter à l’Europe, car elle contient une vérité à l’usage du jour, une vérité qu’il faut saisir pendant qu’elle est évidente et mûre et qu’elle peut féconder l’avenir. Si elle est comprise et pratiquée, elle sauvera l’Europe et l’Asie [...] Si elle est méconnue, repoussée parmi les rêves impraticables, pour quelques légères difficultés d’exécution, les passions bonnes et mauvaises de l’Europe feront explosion sur elle-même, et l’Asie restera ce qu’elle est, une branche morte et stérile de l’humanité.” LAMARTINE, A. *Souvenirs, impressions... op. cit.* p.495.

A fusão ou complementaridade proposta por Lamartine entre oriente e ocidente encontra sua forma na sua narrativa de viagens: por meio da descrição da paisagem e dos homens parece possível para o autor revelar um oriente muçulmano além da decadência e do medo, com tradições a serem valorizadas - o que, como mostra a narrativa de outro “pintor” do oriente, Eugène Delacroix, não foi o caminho tomado pela colonização francesa já então em processo³⁷.

³⁷ Nas recordações da viagem que fez à África do Norte (Argélia e Marrocos) no início de 1832, o pintor Eugène Delacroix descreve assombrado os vestígios da violência das transformações trazidas pela ocupação de Argel pelos franceses nos dois anos anteriores. Sua descrição de Argel é breve, mas nelas registra o caráter demolidor e irracional da colonização francesa. ... Nota, por exemplo, que no lugar de ruas tortuosas e estreitas, que se pareciam com cavernas, e que por isso mesmo produziam um agradável frescor, abriram-se belas e amplas ruas perfeitamente retas e largas com lindas lojas expostas ao inclemente sol africano. In: LAMARTINE, A. *Souvenirs, impressions...* Op.cit. p. 110. Dizendo respeito à já quase conquistada Argélia, e não ao Levante, Delacroix descreve uma paisagem arruinada que também poderia falar do caráter da colonização: “[...] Je ne doute pas que pendant les douze ans qui se sont écoulés depuis cette prise de possession on n’ait encore enchéri sur ces cruelles exécutions pratiquées sur le marbre innocent, sur les murmurantes fontaines, délices des anciens habitans. La sape et la mine, ces instruments de progrès, ont fait justice des mosquées qui n’étaient bonnes qu’à encombrer la voie publique et on a eu le barbare courage et sous le même prétexte de bouleverser dans les environs des villes les cimetières maures dont j’ai vu les tombes encore récentes, arrachées et entassées avec les décombres [...]” DELACROIX, Eugène. *Souvenirs d’un voyage dans le Maroc*. Paris: Gallimard, 1999, p. 110.